

## • EDITORIAL

Estamos retomando e lançando um novo número do Boletim do OSAT. O cenário político institucional e o mundo do trabalho no Brasil mudaram significativamente após a edição do último número do Boletim, em 2018.

Os recentes anos têm sido marcados por muitas turbulências e apreensões para a Saúde dos Trabalhadores. Aconteceram as reformas trabalhista e previdenciária, além de profundas mudanças nas políticas públicas no campo da saúde e trabalho. A Previdência Social e o Trabalho perderam os status de ministério e tornaram-se secretarias do novo Ministério da Economia. Houve um esvaziamento político e técnico de suas atribuições de proteção social e fiscalização dos ambientes e das relações de trabalho. As normas regulamentadoras passam por profundas mudanças e a legislação trabalhista trouxe perdas importantes de direitos dos trabalhadores.

Março de 2020 trouxe mais uma surpresa desagradável: pandemia pelo novo coronavírus. Um impacto enorme para os trabalhadores e para o mundo do trabalho. O cenário que já não era bom, com crise econômica, altas taxas de desemprego, crescente informalidade e precarização recebeu o acréscimo de uma doença desconhecida, grave e que afeta em profundidade a vida dos trabalhadores.

Neste número do Boletim do OSAT temos um artigo que busca abordar e refletir sobre este momento de chegada e trajetória do coronavírus no Brasil. As relações entre a pandemia e o trabalho são apontadas, bem como algumas questões relativas ao futuro do mundo do trabalho pós-pandemia são levantadas.

O entrevistado deste número é o professor, pesquisador e psiquiatra Helian Nunes de Oliveira. O dr. Helian vem se dedicando há anos ao tema da saúde mental e trabalho. Além do ensino na graduação e na pós-graduação na UFMG, desenvolve atividades de pesquisa, assistência e extensão. Com o advento da pandemia criou o Telepan. Trata-se de um importante serviço de teleatendimento público e especializado para trabalhadores em sofrimento e adoecimento mental.

Temos também uma matéria sobre a Residência de Medicina do Trabalho do Hospital das Clínicas da UFMG. A formação de recursos humanos para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil se constitui num dos grandes desafios para a universidade. Foram realizadas entrevistas com algumas das atuais residentes do programa a respeito da saúde dos trabalhadores.

**Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro**  
Coordenador do Osat

- **ENTREVISTA**  
Memórias da pandemia para sensibilização da população geral **PAG 2 e 3**
- **MATÉRIA**  
Profissionais de saúde relatam dificuldades no trabalho durante pandemia **PAG 4 e 5**
- **ARTIGO**  
A Saúde do Trabalhador em tempos de Pandemia: as novas velhas questões **PAG 6**
- **ENTREVISTAS**  
Como a valorização da Saúde do Trabalhador pode beneficiar a sociedade como um todo? **PAG 7 e 8**

# MEMÓRIAS DA PANDEMIA PARA SENSIBILIZAÇÃO DA POPULAÇÃO GERAL

*Helian Nunes de Oliveira é psiquiatra, professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG, coordenador do Projeto de Extensão TelePAN Saúde e idealizador da iniciativa Memórias TelePAN. Confira, na entrevista, o olhar do professor sobre o atual momento pandêmico e seus impactos na saúde mental das pessoas.*

**Osat: No Brasil, não se sabe ao certo quando a pandemia se tornará “memória”. Enquanto ela persiste, quais os problemas psicológicos que tendem a crescer na população?**

Normalmente, pensamos na memória como algo guardado no passado, algo antigo. Entretanto a memória pode ser algo mais recente, que aconteceu ontem, que pode marcar o nosso presente e poderá influenciar o futuro. A memória é parte da nossa mente que funciona de forma mais contínua e dinâmica, que está na base de muitas alegrias, mas também de transtornos mentais, como no luto complicado, no transtorno de estresse pós-traumático, na ansiedade em geral, no medo mais específico (fobias) e até em quadros com sintomas psicóticos. Entretanto se quisermos delimitar a pandemia como algo ainda presente, realmente podemos considerar esta crise como um fator de risco para o sofrimento mental e até para o adoecimento. Como uma crise sanitária importante e grave que neste momento histórico fragiliza a maior parte da população, principalmente os mais vulneráveis.

Assim, transtornos mentais prévios e já estabilizados, podem ser “reagudizados” nas pessoas mesmo em tratamento regular, mas também podem surgir alterações psíquicas em pessoas que nunca tiveram um adoecimento.

“ **Tendem a crescer na população o medo, a ansiedade, a angústia, as crises de pânico, a depressão, surtos psicóticos e até o suicídio**

Muitos tendem a crescer pelo aumento do estresse e sobrecargas emocionais, outros pela dificuldade de manutenção dos tratamentos.



foto: arquivo pessoal

**Osat: Entre as diversas respostas às atuais circunstâncias, estão o egoísmo e a apatia. Como reagir a estes sentimentos e desenvolver maior sensibilidade?**

O egoísmo e a apatia podem até parecer mecanismos de defesa. Especialmente numa situação de incertezas e tragédias. Porém são formas muito primitivas e com resultados poucos significativos.

“ **O ser humano pode ampliar de uma forma assustadora as possibilidades de sobrevivência e melhorar a qualidade de vida de uma comunidade se conseguir se agrupar, partilhar, colaborar e caminhar junto com quem estiver à sua volta e com as pessoas que estiverem mais vulneráveis**

As chances de sucesso são bem maiores, mesmo diante de conflitos e desafios como numa pandemia. Um grande exemplo é a busca do bem de todos que move boa parte dos trabalhadores em saúde no desafio assistencial durante a pandemia. Este ideal é capaz de trazer mais resiliência, direção e atrair mais apoio em direção à vitória numa pandemia.

**Osat: Muitas pessoas estão reduzindo ou cortando o consumo de notícias, alegando que elas geram mais medo e ansiedade. Na sua opinião, é possível alcançar um equilíbrio entre cuidar da saúde mental e não se alienar da realidade?**

Sem dúvida! Precisamos fazer uma busca diária de novas informações e conhecimentos em fontes confiáveis. Isto não vai gastar mais de 15 a 30 minutos diários. É muito importante limitar o tempo.

Não teremos tantas novidades que justificarão ficar horas assistindo TV ou lendo mensagens em mídias sociais. Tem pessoas que trocam horas de sono para ficar lendo as mesmas notícias e centenas de comentários vazios sobre um assunto que não há nada o que se dizer naquele instante. Precisamos procurar bons livros, autores dedicados e sonhadores, textos bem fundamentados, poesias sobre a vida e noticiários inteligentes. Sem desperdiçar um tempo que poderia ser dedicado em outras atividades laborais, no repouso ou lazer.

**Osat: Blindar-se contra as “más notícias” é algo positivo para a saúde mental?**

Sim! Pessoas que estão emocionalmente bem conseguem equilibrar o dia a dia, evitando um excesso de exposição às tragédias e buscando o que traz mais força e saúde mental no cotidiano. Por outro lado, pessoas que estão fragilizadas emocionalmente devem se afastar das más notícias, focar no repouso e realização de pequenas atividades que tragam prazer e recuperação da energia física e psíquica. Temos para ajudar nessa recuperação:

“ A música, a dança, as caminhadas, uma boa refeição, brincar com as crianças, conversar com os amigos, leitura de livros, uma noite de sono, montar um quebra cabeças, jogar um jogo de baralho ou tabuleiro com um amigo, assistir um bom filme, namorar, desenhar, pintar, ser solidário, ajudar quem precisa, amar, sonhar e tantas outras atividades que a humanidade inventou.

**Osat: Ao se lembrar das mortes por Covid-19 entre os profissionais de saúde, o que o projeto Memória TelePAN deseja ensinar à população?**

Trabalhar com a lembrança destas mortes de trabalhadores por COVID-19 é elaborar histórias de vidas, construir uma memória que ensine. É procurar um sentido e dar respostas que favoreçam a vida, a busca pela esperança e o reconhecimento dos pares. Não é possível ignorar ou simplesmente esquecer as tragédias que ocorrem à nossa volta, em especial nesta pandemia, ainda mais de quem procurou atenuar a dor de quem esteve doente e adoeceu, ou seja, todos estes profissionais da saúde que faleceram atuando na linha de frente. Precisamos elaborar para aprender.

Uma sociedade que se emociona e reflete a respeito de suas perdas torna-se capaz de seguir em frente e promover a vida. É uma nação que ficará atenta e equilibrada, sobreviverá e vencerá todos os desafios na vida.



Para mais informações sobre o projeto Memória TelePAN, fique atento ao site e redes sociais da **Faculdade de Medicina da UFMG.**



medicina.ufmg.br



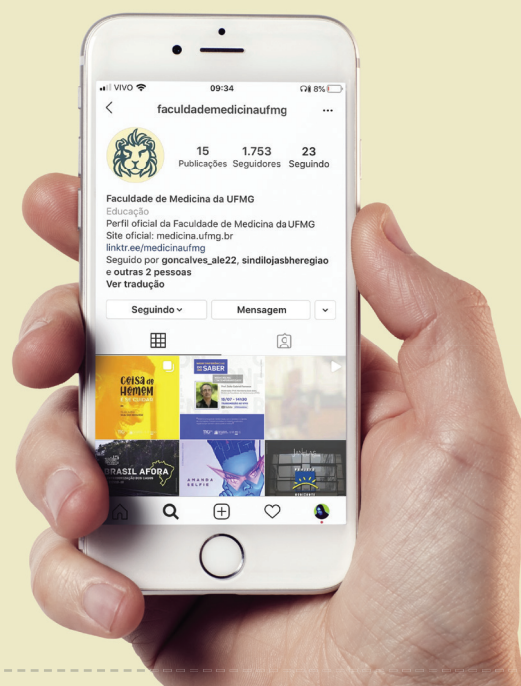
medicinaufmgoficial



faculdademedicinaufmg



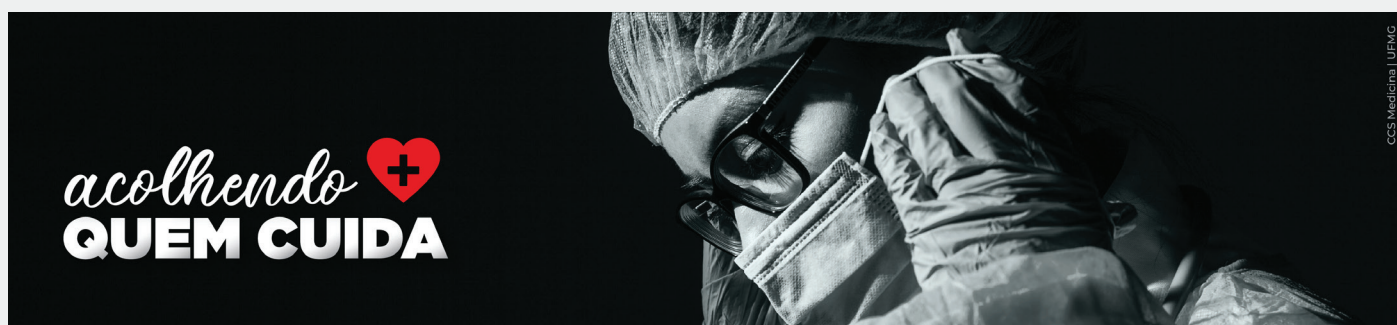
medicinaufmg



# PROFISSIONAIS DE SAÚDE RELATAM DIFICULDADES NO TRABALHO DURANTE PANDEMIA

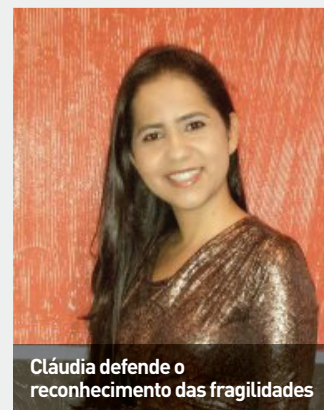
Engajamento da população é chave para o bem-estar emocional e psicológico de quem cuida

Gabriela Meireles Caldas Fernandes



Indispensáveis, os profissionais da saúde atuando no combate a covid-19 estão entre os grupos mais vulneráveis às consequências emocionais e psicológicas da pandemia. Eles encaram rotinas exaustivas, onde o foco é dar tudo de si para cuidar dos pacientes infectados. Neste cenário, o amparo à saúde mental da linha de frente cabe também à coletividade, responsável por se informar, validar e respeitar quem cuida.

“A mídia tem nos colocado como heróis, mas o que realmente nos acrescenta é que cada pessoa se imagine no lugar de um profissional de saúde”, defende a enfermeira Cláudia de Paula. “Só quero que a população entenda que é preciso ficar em casa. O profissional de saúde é apenas um protagonista neste cenário. Uma população consciente e solidária é a principal arma de enfrentamento”, orienta.



## Tudo bem buscar ajuda

foto: arquivo pessoal



Assim como muitas pessoas, ela conta que precisou superar certas questões antes de aceitar ajuda especializada. “Reconhecer nossas fragilidades não é fácil, sobretudo se estamos diante de um desafio que nos coloca como principais protagonistas”, compartilha. Assim, vários motivos podem estar por trás dessa resistência. Entretanto, é possível que sentimentos como preconceito ou vergonha estejam por trás dessa resistência, como alerta o médico psiquiatra e atendente voluntário do projeto TelePAN Saúde, da Faculdade de Medicina UFMG, Júlio César Menezes Vieira.

Para o psiquiatra, vários desafios interferem no bem-estar mental da linha de frente. “Sobrecarga do trabalho e sensação de impotência ao testemunhar o número significativo de mortes pela covid-19 podem gerar reação aguda ao estresse e transtorno de esgotamento (burnout)”, explica. “Além da autonegligência dos cuidados por parte dos profissionais de saúde, principalmente referente a saúde mental”, destaca.

Assim, a quebra de tabus sobre saúde mental é crucial para a autopreservação desse grupo. “A população pode se tornar mais sensível em relação às dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde a partir da maior divulgação dos dados sobre o adoecimento deles e pela quebra do silêncio dos próprios profissionais da área ao assumirem suas fragilidades e reconhecerem a necessidade de auxílio imediato”, revela.

## Se informar é praticar responsabilidade social

foto: arquivo pessoal



Para Grazielle, medo de adoecer não deve ser ignorado

“Trabalhar no CTI já demanda uma atenção e um estado de vigília superiores a outros setores de atenção à saúde. Com o novo coronavírus, passei a ter que administrar todo esse trabalho da UTI entremeado ao medo de adoecer e transmitir à minha família”, explica a enfermeira de urgência, Grazielle Rodrigues, outra profissional na linha de frente.

Neste momento, é fundamental que mais relatos como o de Grazielle ganhem destaque. Eles falam da sensação de impotência frente à letalidade da doença, de exaustão, da insuficiência de EPIs (e consequente aumento da exposição ao contágio), do distanciamento dos familiares e da falta de engajamento da população. Isso seria o ideal. Entretanto, segundo Paulo Roberto Ceccarelli, psicólogo e psicanalista voluntário do TelePAN, a pandemia está despertando egoísmo em algumas pessoas. “Elas não entendem que o enfermeiro, médico, assistente – ou quem estiver atendendo – é gente que sofre, precisa de um tempo, precisa descansar”, revela. “Não se importam, querem que eles estejam lá quando precisarem deles”, critica.

A principal ferramenta contra a apatia é a informação. Além de reconhecer as demandas por medicamentos, hospitais, leitos e equipamentos, é crucial destacar a importância de ter equipes de trabalho em saúde aptas a atuarem na assistência dos pacientes vítimas da infecção. Por isso mesmo, a saúde geral desses profissionais não pode ficar em segundo plano.

Leia uma versão estendida dessa reportagem em [bit.ly/saudenalinhadefrente](https://bit.ly/saudenalinhadefrente)



CCS Medicina | UFMG



Teleconsultas em saúde mental  
para profissionais da saúde durante a  
pandemia 2020

[medicina.ufmg.br/telepansaude](https://medicina.ufmg.br/telepansaude)

# A SAÚDE DO TRABALHADOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: AS NOVAS VELHAS QUESTÕES

Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro

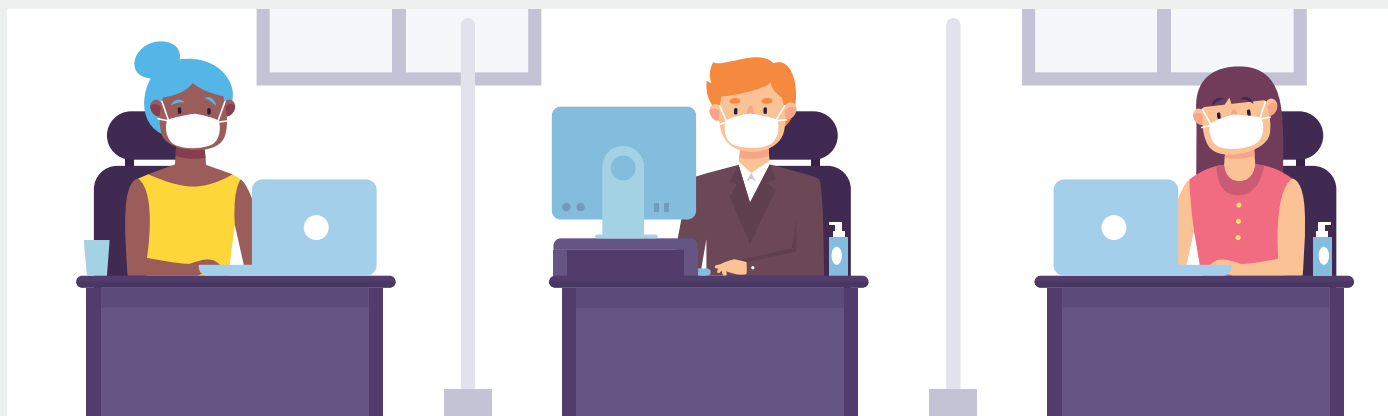


ilustração: freepic

Mirar a história costuma ser importante para se entender o presente e projetar o futuro. Uma nova pandemia em curso assola o planeta, a vida e notadamente o mundo do trabalho. Incertezas, medos, sofrimentos, perdas, mortes, desemprego, injustiças, desamparos se fazem presentes. O título do famoso livro de Berman (1987) parecia profetizar bem o vivido hoje: “Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade”. Mais um novo vírus pandêmico entrou em cena nesta desventura da pretensa modernidade.

Trata-se da pandemia por um novo coronavírus: o SARS-CoV-2. O primeiro caso identificado da nova doença, a Covid-19, foi notificado em 31 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China (WHO, 2020). Não se sabe exatamente quando o SARS-CoV-2 começou a circular no mundo, mas estima-se que tenha sido no segundo semestre de 2019.

Em 30 de janeiro a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu esta nova epidemia e declarou que a mesma se constituía numa “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional”. O vírus rapidamente se espalhou pela Ásia e logo a seguir atingiu o continente europeu em fevereiro. A grande capacidade de transmissão e circulação do vírus, associado a um elevado risco letal para as populações expostas colocou o mundo em estado de alerta sanitário grave. Tratava-se de vírus novo gerando uma doença com múltiplas manifestações e sequelas, que podiam ser graves, fatais ou simplesmente mo assintomática e silenciosa. Não havia (e não há ainda hoje) um tratamento específico e nem uma vacina eficaz disponível contra este vírus.

Em 11 de março de 2020, a OMS declarou e reconheceu como pandemia este novo agravo (COVID-19) gerado pelo

SARS-CoV-2. As estatísticas dos números de casos e óbitos por Covid-19 têm sido assustadoras e crescentes. Segundo dados da OMS de 9 de julho de 2020, contabilizava-se 12.094.325 casos confirmados e 550.694 mortes devido à COVID-19 no mundo.

A COVID-19 está trazendo grandes impactos e estrangulamentos para os sistemas de saúde. Sistemas universais de saúde (como o Sistema Único de Saúde/SUS no Brasil e o National Health Service/NHS na Inglaterra) em contraste com os sistemas privados de saúde (como o norte-americano), vêm se mostrando mais adequados e eficientes no enfrentamento da pandemia.

“ Em diversos países esta melhor performance do setor público vem ocorrendo apesar de cortes orçamentários importantes e desgovernos no seu gerenciamento. Sem os mesmos, as tragédias poderiam ser bem maiores.

Dados do Ministério da Saúde de 9 de julho de 2020, lamentavelmente, apontavam para a existência de 1.755.779 casos confirmados, 69.184 mortes e 1.054.043 recuperados da Covid-19 no Brasil. Certamente são dados subnotificados.

As estruturais e históricas desigualdades sociais tornaram-se mais visíveis. Desigualdades estas, cronicamente administradas, sedadas e camufladas. “Abissais” como diria Boaventura de Sousa Santos (2007). A pandemia não é nem um pouco democrática, justa e homogênea. A despeito da sua distribuição policlassista, a mesma é muito assimétrica epidemiologicamente falando. Acomete majoritária e

letalmente as camadas sociais mais vulneráveis, injustiçadas e marginalizadas. As classes “invulneráveis” parecem ter um destino melhor enquanto que as classes trabalhadoras são brutalmente atingidas. Trabalhadores dos serviços ditos essenciais, profissionais de saúde, profissionais de segurança, trabalhadores informais, terceirizados, precarizados, desempregados, sem teto e sem saneamento básico são os trabalhadores mais atingidos e vitimados pela COVID-19.

É um momento em que sobressaem as mazelas, os absurdos sociais e as anormalidades inaceitáveis. A despeito das possibilidades de alguns avanços e conquistas sociais, o momento é mais de profundas e irreparáveis perdas.

Segundo ainda SANTOS (2020): “a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento injusto que elas provocam”. Cruel e ironicamente os trabalhadores são chamados mais uma vez a darem cotas adicionais de sacrifícios.

Historicamente o trabalho se constitui numa atividade humana fundante, determinante e central nas sociedades. Esta assertiva permanece válida e a atual pandemia confirma esta tese. As interdependências e inter-relações entre pandemias, estado, economia e trabalho não são uma novidade. Foram observadas não só no passado remoto mas também agora na contemporaneidade. As grandes pestes medievais já mostraram os elos de determinação e consequências entre pandemias e o mundo do trabalho. Os agentes infecciosos se propagavam com extrema facilidade nos ambientes de trabalho insalubres e sob as precárias relações de trabalho e de reprodução social dos trabalhadores.

“ **O nascimento e presença da vigilância de estado, as taxas assombrosas de mortalidade, as perdas nas economias, as pressões patronais pela volta ao trabalho, as incertezas e o pânico compunham aquele cenário histórico.**

O nascimento e presença da vigilância de estado, as taxas assombrosas de mortalidade, as perdas nas economias, as pressões patronais pela volta ao trabalho, as incertezas e o pânico compunham aquele cenário histórico.

E hoje, em pleno 2020? A história parece se repetir. Os novos e os velhos tempos têm suas particularidades, mas talvez mantenham grandes semelhanças. A precarização no trabalho (velha e nova), os invisíveis e vulneráveis (do passado e do presente), o acesso desigual aos cuidados de saúde e de proteção social (anteriores e atuais) parecem

muito similares na suas essências ao longo dos tempos. Os mais atingidos são os mesmos nas diversas anormalidades históricas: trabalhadores, pobres, idosos, negros, profissionais de saúde, indígenas e migrantes. Os avanços tecnológicos e sociais foram insuficientes para virarem esta página da humanidade.

Pelo contrário parecem aumentar e alargar ainda mais o fosso das desigualdades sociais e das concentrações de renda. O SARS-CoV-2 nos coloca na velha (e nova) encruzilhada: vamos lutar para retornar à “normalidade” anormal ou vamos nos dar a possibilidade de um construirmos um novo modo civilizatório. Sonhar coletivamente e transformar é mais que necessário, é uma questão de sobrevivência para a humanidade. As críticas e aceleradas mudanças climáticas na Terra parecem nos dizer que não temos tempo a perder: o nosso prazo de validade está se esgotando rápida e irreversivelmente. Este novo modo civilizatório exige e passa pela organização e construção de um outro mundo do trabalho: este é o grande desafio.

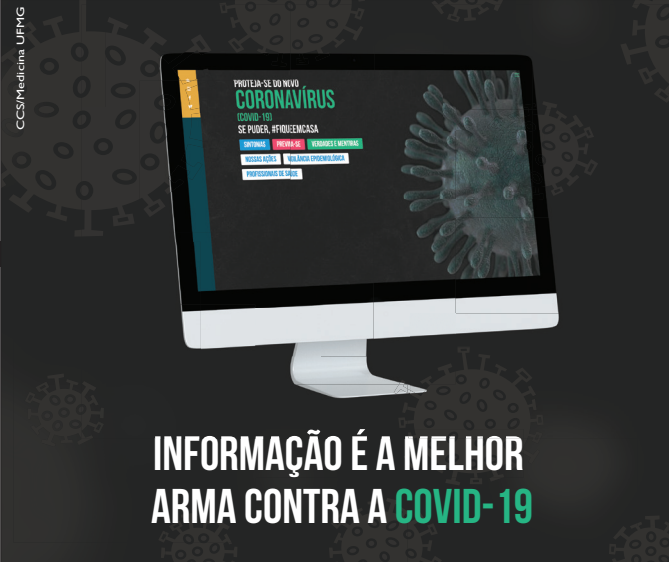
## REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é solido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP** n.79: 71-94, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020. (e-book)

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19) Situation Report – 151**. Genebra: WHO, 20 de junho de 2020.



**INFORMAÇÃO É A MELHOR ARMA CONTRA A COVID-19**

ACCESSE

**MEDICINA.UFMG.BR/CORONAVIRUS**

FACULDADE DE MEDICINA UFMG

# COMO A VALORIZAÇÃO DA SAÚDE DO TRABALHADOR PODE BENEFICIAR A SOCIEDADE COMO UM TODO?

Para responder essa pergunta, conversamos com as médicas residentes do primeiro e segundo ano em Medicina do Trabalho do Hospital das Clínicas UFMG. Confira:

"A saúde do trabalhador é uma área da saúde coletiva. Atualmente, estamos vivenciando uma pandemia, momento muito oportuno para refletirmos como a saúde coletiva se faz necessária. Precisamos colocar em prática ações que melhorem a saúde do coletivo, e só é possível ser assertivo nessas ações conhecendo os determinantes em saúde. Sabemos, de longa data, que o trabalho é um elemento estruturante na vida do indivíduo e que muitas vezes o expõe aos mais variados riscos (físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e de acidentes). Melhorar a saúde do trabalhador significa melhorar a saúde coletivamente, melhorando de forma significativa a nossa sociedade."

**Marcela Roman de Figueiredo**

"Saúde é um estado de equilíbrio entre organismo e seu ambiente para manter suas características estruturais e funcionais. Energia é a capacidade que um corpo ou uma substância têm de realizar trabalho. Trabalho é um conjunto de atividades que o homem exerce para atingir um determinado fim. A resultante dessas três combinações: saúde, energia e trabalho, é a execução de tarefas laborativas mais bem realizadas à medida que a integridade da saúde reflete em uma maior capacidade energética de gerar trabalho. Portanto, o trabalhador que se encontra em equilíbrio consigo e o ambiente, deposita sua energia de forma construtiva no trabalho, e conseqüentemente, reverberando na sociedade como um todo."

**Bárbara Couto Carvalho**

"A saúde do trabalhador é uma importante estratégia, pois além de promover a saúde dos trabalhadores, contribui positivamente para a produtividade, motivação, qualidade do que é produzido, beneficiando não somente o trabalhador, mas a sociedade como um todo. Todos os anos, milhares de trabalhadores brasileiros passam por exames médicos ocupacionais, representando assim, uma grande oportunidade para as ações de promoção de saúde. A força de trabalho é imprescindível para a sustentação econômica geral, demonstrando assim, que a saúde do trabalhador é fundamental para a produtividade e de grande importância para o desenvolvimento socioeconômico."

**Marina Leite Gonçalves**

"Cada função tem sua importância e cada trabalhador merece ser tratado com respeito por sua contribuição social. Porém, muitas vezes nos deparamos com situações em que o trabalhador não tem condições para exercer sua função, seja por um distúrbio orgânico, psíquico ou ambos. Um olhar atento para a saúde do trabalhador é fundamental para que possamos ajudar os profissionais da melhor maneira possível."

**Aline Lopes Campos**



"Através do trabalho, o cidadão se relaciona com a sociedade de diversas maneiras: é sua fonte de sustento e satisfação pessoal; espaço para convívio e aprendizado. A saúde é o pilar fundamental para que o trabalhador seja capaz de exercer plenamente suas atividades e, conseqüentemente, permitir sua integração e contribuição máximas à sociedade. Defender e garantir a assistência adequada aos trabalhadores traz benefícios inestimáveis e indissociáveis de toda a comunidade."

**Sarah Casarini Braga Araújo**

"Considerando o ser humano um ser social, entende-se como benefício coletivo a busca pelo estado de bem-estar físico, mental e social. Parte disso é o equilíbrio entre as demandas psicológicas, sociabilidade e flexibilidade na organização do processo de trabalho, fatores correlacionados ao nível de desgaste do trabalhador. Pressupõe-se então que a valorização das aptidões psicomotoras, psicossensoriais e psíquicas individuais seja uma condição de satisfação na execução do trabalho com saúde que reverbera coletivamente."

**Ligiane Figueiredo Falci**

## Expediente

**Observatório de Saúde do Trabalhador de Belo Horizonte (Osat-BH) | Coordenador:** Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro | **Organizadores:** Faculdade de Medicina da UFMG e Prefeitura de Belo Horizonte | **Instituições parceiras:** Ministério da Economia (Superintendência Regional do Trabalho e Emprego/MG), Secretaria de Saúde de Minas Gerais, Fórum Intersindical de Saúde do Trabalhador, Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora/MG (CISTT/MG), Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Betim (CEREST/Betim), Superintendência Regional Saúde e Segurança no Trabalho/MG. | **Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG | Coordenador:** Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP) | **Edição:** Vitor Maia | **Estagiária:** Gabriela Meireles Caldas Fernandes | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Luiz Romaniello | **Atendimento Publicitário:** Estefânia Mesquita | **Contato:** osatbh2019@gmail.com | É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.



Entre no site e fique por dentro do que acontece no OSAT:  
[medicina.ufmg.br/osat](http://medicina.ufmg.br/osat)

